

A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo.

Tiarajú Pablo d'Andrea

Giovanna Lia Toledo
Leandro Martins Augusto

Jayne Silvestre
Luisa Lemes Q Mattoso

Joana Teresa Pinheiro Rodrigues
Marta Arrizabalaga
Tobias Da Silva

índice

1 - Autor

2 - Contextualização

3 - Preponderância acadêmica

4 - Preponderancia periférica

5 - Periferia: um termo crítico

6 - Morar na periferia: uma experiência compartilhada

7 - Por que periférico?

8 - Reflexões

1. Tiarajú Pablo d'Andrea

Curriculum vitae

35 anos - filho de militantes - morador da zona leste de São Paulo

Professor da Unifesp - Campus zona leste / Instituto das Cidades (2018-atual)

Enquadramento funcional - International Association for the Study of Popular Music (2015 - atual)

Coordenador do CEP (Centro de Estudos Periféricos) (atual)

Pesquisador convidado na França (Université Paris VIII et EHESS) (2018)

Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2014-2018)

Doutor em Sociologia da Cultura pela Universidade de São Paulo (2013)

Mestre em Sociologia Urbana pela Universidade de São Paulo (2008)

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (2005)



1. Tiarajú Pablo d'Andrea

Campo de pesquisa : Antropologia urbana, sociologia urbana, produção artística...

Publicações

A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo (doutorado)

Nas Tramas da Segregação: O Real Panorama da Pólis (mestrado)

Almeida, R., & D'Andrea, T. (2004). Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana.

Almeida, R., D'Andrea, T., & De Lucca, D. (2008). Situações periféricas: etnografia comparada de pobreza urbanas. *Novos estudos CEBRAP*, (82), 109-130.

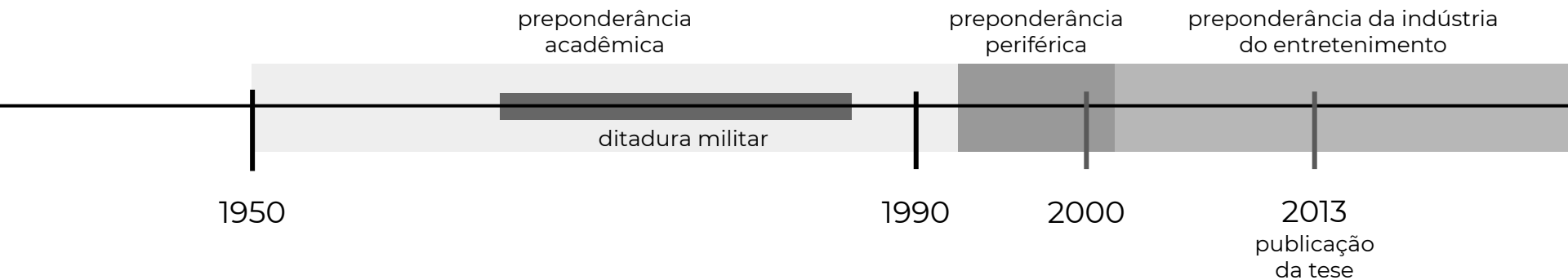
D'Andrea, T. Notas sobre el aumento de la producción artística en la periferia de la ciudad de São Paulo.

Produção artística

Autor e intérprete do álbum *Latinoamericasamba* (2015)

2. Contextualização

o termo **preponderância**



2. Contextualização

Primeira Parte: Um Lugar e Um Tempo

Capítulo 1 - Um Lugar: a Periferia

Capítulo 2 - Um Tempo: a década de 1990

Segunda Parte: A Formação do Sujeito Periférico

Capítulo 3 - Uma Narrativa: os Racionais Mc's

Capítulo 4 - De uma nova subjetividade ao *Sujeito Periférico*

Terceira Parte: A afirmação do Sujeito Periférico

Capítulo 5: A Saga Artística da Periferia de São Paulo

2. Contextualização

Primeira Parte: Um Lugar e Um Tempo

Capítulo 1 - Um Lugar: a Periferia

Mutações e disputas sobre o termo *periferia*

A preponderância acadêmica

A preponderância periférica

Capítulo 2 - Um Tempo: a década de 1990

Segunda Parte: A Formação do Sujeito Periférico

Capítulo 3 - Uma Narrativa: os Racionais Mc's

Capítulo 4 - De uma nova subjetividade ao *Sujeito Periférico*

Terceira Parte: A afirmação do Sujeito Periférico

Capítulo 5: A Saga Artística da Periferia de São Paulo

2. Contextualização

Segunda Parte: A Formação do Sujeito Periférico

Capítulo 3 - Uma Narrativa: os Racionais Mc's

Capítulo 4 - De uma nova subjetividade ao *Sujeito Periférico*

Periferia: um termo crítico

Morar na periferia: uma experiência compartilhada

Cena 3: Periférico é periférico em qualquer lugar

Por que *periférico*?

Periférico e trabalhador

O trabalho na obra dos Racionais

A cidade na obra dos Racionais

O *Sujeito periférico*

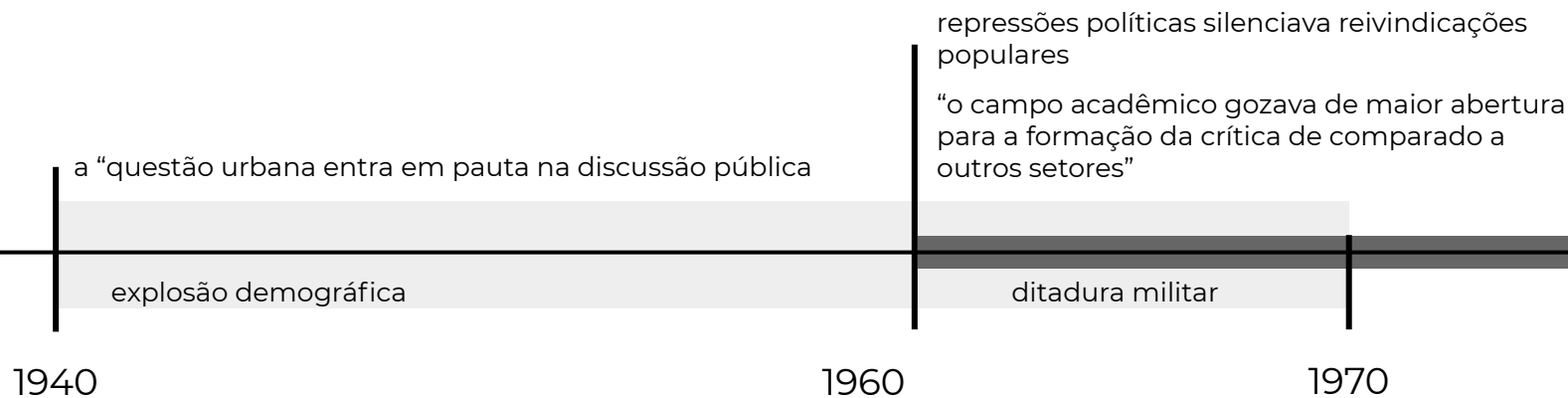
Um novo significado para o termo *periferia*

Terceira Parte: A afirmação do Sujeito Periférico

Capítulo 5: A Saga Artística da Periferia de São Paulo

3. Preponderância acadêmica

contextualização **américa latina**



3. Preponderância acadêmica

“[...]fazer pesquisas de campo na periferia, discorrer sobre ela, estudar as causas da produção desse fenômeno, denunciar suas mazelas ou descrever modos de vida aí presentes tornavam-se uma **atividade altamente crítica à sociedade como um todo**”

[TIARAJU, pp. 37]

3. Preponderância acadêmica

correntes de pensamento: os **marxistas** e os antropólogos

a cidade (sobretudo os bairros populares) é o **local da reprodução** da força de trabalho. Sendo assim, os autores enfatizam o consumo da cidade, e não sua produção.

na cidade, **o conflito central** não se dá no eixo de luta entre capital e trabalho, mas entre **movimentos sociais urbanos e Estado**.

“Para essa corrente interpretativa, a periferia da cidade seria um bolsão de reprodução da força de trabalho, onde a classe trabalhadora se reproduzia enquanto tal e em condições críticas.”

[TIARAJU, pp. 39]

3. Preponderância acadêmica

correntes de pensamento: os **marxistas** e os antropólogos

contexto histórico (participação política vetada)
pesquisa promovida pela **Igreja Católica**

Legitimidade para representar a periferia

SÃO PAULO 1975 CRESCIMENTO E POBREZA

Cândido Procópio Ferreira de Camargo
Fernando Henrique Cardoso
Frederico Mazzucchelli
José Alvaro Moisés
Lúcio Kowarick
Maria Herminia Tavares de Almeida
Paul Israel Singer
Vinicius Caldeira Brant

Apresentação de
D. Paulo Evaristo Arns

Estudo realizado para a
Pontifícia Comissão de Justiça e Paz
da Arquidiocese de São Paulo

EDIÇÕES LOYOLA

*São Paulo 1975: Crescimento
e Pobreza, Fonte: Google*

3. Preponderância acadêmica

correntes de pensamento: os **marxistas** e os antropólogos

“edificação da cidade não como “palco” da reprodução do capital e da força de trabalho, mas sim como uma “forma específica” de produção do capital.”

[TIARAJU, pp. 41]

A lógica da desordem, Lúcio Kowarick 1979

(des)configuração urbana

3. Preponderância acadêmica

correntes de pensamento: os marxistas e os **antropólogos**

Eunice Durham

análise da microestrutura

limites da Antropologia

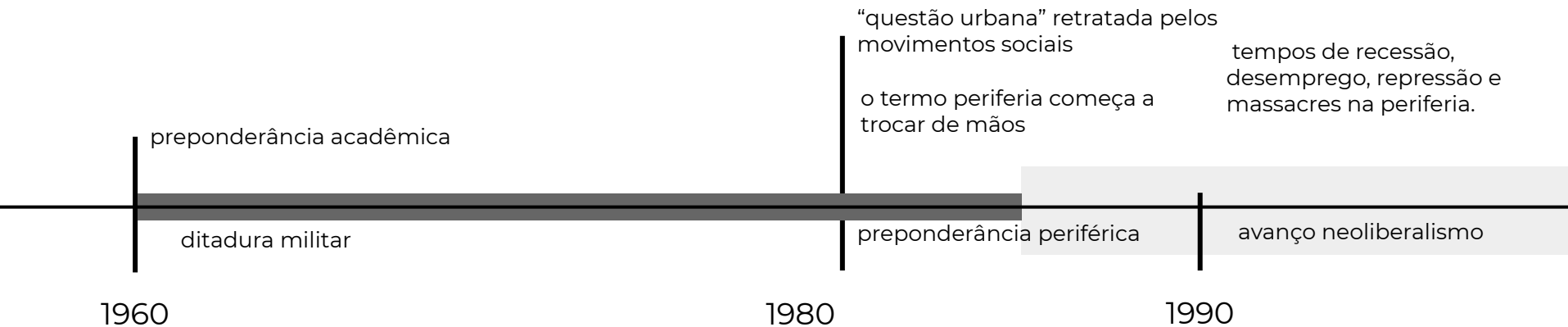
“Durham já observava os limites teórico-metodológicos da antropologia, verificados na grande quantidade de estudos microssociais pouco generalizáveis, na tendência a entender a periferia como um mundo à parte e na sobreposição entre explicações nativas e explicações antropológicas.”

[TIARAJU, pp. 42]

Novo olhar à periferia

4. Preponderância periférica

Mudança da preponderância: elo com **movimentos sociais da década de 1980**.



Questão Urbana: a partir de 1980, dependia do entendimento de **posicionamentos políticos da população** organizada dos bairros populares (movimentos sociais). A pressão sobre o poder público pelos movimentos passou a utilizar o arcabouço teórico construído pela academia.

4. Preponderância periférica

Segundo moradora de um bairro popular da zona leste, liderança comunitária da década de 1980:

“Não. A gente lá pelos 1980 não falava de *periferia*. **A gente falava muito povo, falava muito *trabalhador e classe trabalhadora*.**”

4. Preponderância periférica

“Para essa tese, o termo periferia foi primeiramente utilizado pela academia. Com o passar do tempo e com a troca de informações entre intelectuais, movimentos sociais populares e moradores da periferia, estes passaram a montar um quadro explicativo sobre as desigualdades territoriais e urbanas que continua uma série termos e conceituações, do qual periferia era apenas um deles, sendo mais ou menos utilizado.”

D'ANDREA Tiarajú, 2013.

4. Preponderância periférica

1990: avanço neoliberalismo.

Fazer político passa por momento de crise nas grandes cidades. Crescimento de coletivos de produção artística.

“Nessa dinâmica histórica, o movimento artístico foi um dos que melhor catalisou as impossibilidades da política, passando a fazer política por meio da atividade artística, **consolidando periferia como um modo compartilhado de estar no mundo**, um posicionamento político e um discurso ressemantizador sobre o que venha a ser *periferia*.”

4. Preponderância periférica

“só quem é de lá sabe o que acontece”

Racionais MC's, *Pânico na Zona Sul*, 1988.

4. Preponderância periférica

Racionais MC's formado em 1988 por jovens de bairros populares de São Paulo.

Temas como: o que era ser negro e pobre, de posicionamento radical, criticando os “playboys”, a classe política, a polícia e o racismo.

“foi em um processo político que uma fatia do espaço urbano, **qualificada pelo que ela não tinha**, passou a ser reconhecida como periferia” (CALDEIRA, 1984)

Preponderância muda novamente de mãos com o lançamento do filme *Cidade de Deus* (2002), passando para uma perspectiva ditada pela **indústria do entretenimento**, enunciada pelo cinema e atrelada ao mercado.

5. Periferia: um termo crítico

Década de 1990 → Dinâmica da cidade de São Paulo

Economia Nacional

Plano Social

Crise de significado do termo → ressemantização pelos moradores

“(…) o movimento cultural e político que se formou ao redor do hip-hop teve como um de seus principais logros **construir uma identidade** para o morador da periferia”. [TIARAJU, pp. 133]

5. Periferia: um termo crítico

Grupo de Rap Racionais MC's

- Mostrou uma nova forma de olhar a periferia

“A pobreza e a violência narradas pelos Racionais em seus raps da década de 1990 possuíam a intenção de enfatizar a criticidade do termo periferia, ao apresentar uma **realidade oculta.**” [TIARAJU, pp. 134]



Onde São Paulo Acaba. Andréa Seligmann. São Paulo. 1995. Acesso: http://portacurtas.org.br/filme/?name=onde_sao_paulo_acaba



Grajaú, onde São Paulo Começa João Cláudio de Sena. São Paulo. 2011. Acesso: [http:// youtube.com.br](http://youtube.com.br)

5. Periferia: um termo crítico

“A saída proposta pelos moradores dos bairros populares para dar conta de seu lugar no mundo a partir de **categorias estigmatizantes como violência e pobreza** foi, no mínimo, inteligente. Por um lado, **realçava** essas características. (...) Por outro lado, e se **contrapondo a visão estigmatizante** operada por parte da mídia, **superava a ótica da circunscrição** dos problemas da periferia, como se tais fenômenos fossem endógenos e particularidades desse território geográfico.” [TIARAJU, pp. 137]



A Ponte. Roberto T. Oliveira e João Wainer. São Paulo. 2006.
Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=RsOmbQBddag>

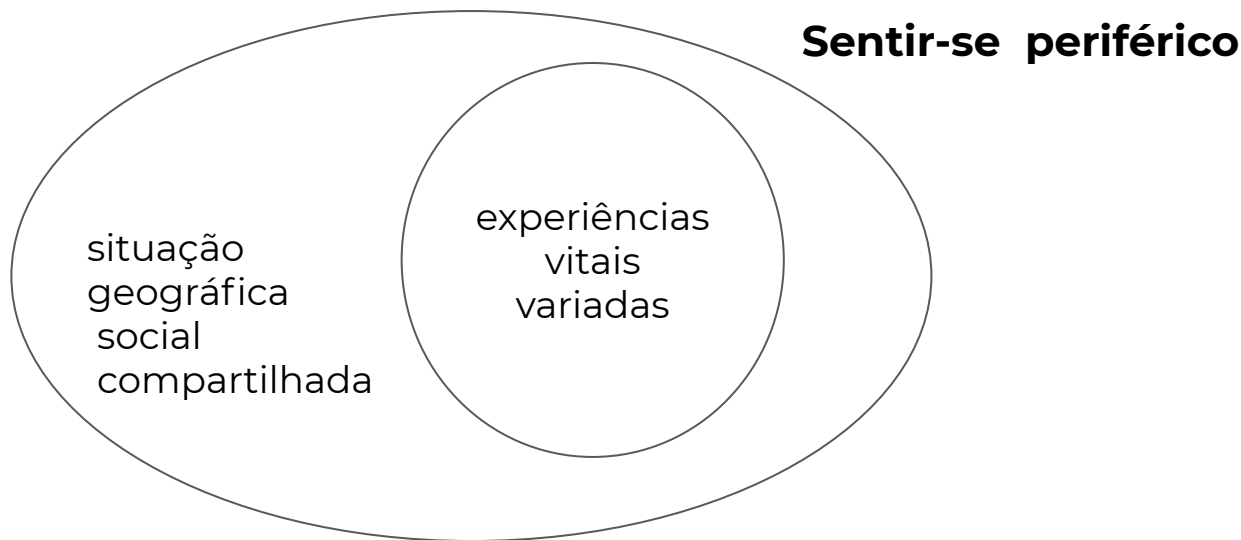
5. Periferia: um termo crítico



Dagmar Garroux. Fundadora da Ong Casa do Zezinho. Zona Sul SP

6. Morar na periferia: uma experiência compartilhada

“Como afirmou certa vez o rapper Gog, em formulação já famosa: **“Periferia é periferia em qualquer lugar porque é uma essência única.”**” [TIARAJU, pp. 138]



6. Morar na periferia: uma experiência compartilhada

“Desse modo, **sentir-se** periférico se expressa em uma **gama variada de experiências** de ordem prática que, mesmo não dando conta de todas as experiências possíveis, contribuíram para a formação de um sentido de pertencimento a uma **situação social compartilhada.**” [TIARAJU, pp. 138]

6. Morar na periferia: uma experiência compartilhada

Experiência urbana marcada pela **segregação socioespacial**:

- transporte público
- mercado laboral
- serviços públicos
- lazer e cultura
- violência
- histórias familiares
- igreja
- vestimenta
- linguagem

6. Morar na periferia: uma experiência compartilhada

“ (..) uma experiência urbana compartilhada, que, por sua vez, é **resultado** de uma dada **produção social do espaço** urbano que se realiza numa sociedade capitalista (...)” [TIARAJU, pp. 139]

6. Cena 3: periférico é periférico em qualquer lugar

“Tudo o que eu pensava absorto enquanto conversava se concretizou quando a moça falou pra mim sem rodeios:

— Você é mesmo um periférico!

Intuindo o que a moça queria dizer, mas surpreso com sua definição intempestiva e direta, perguntei, entre acanhado e confuso:

— Mas por que você está dizendo isso?

— Você sai lá da ZL, estuda os Racionais, pega um saquinho de batata e um refri e vem comer no meio da rua... Isso só pode ser coisa de quem mora na periferia...

Reagi sem criatividade àquela acusação-constatação reveladora e balbuciei:

— Você também!

Tornamo-nos grandes amigos e, a partir dali, conversamos muito sobre as dores e delícias de sermos estrangeiros-brasileiros-periféricos em terras europeias.”[TIARAJU, pp. 141]

7. Por que periférico?

Por que não Negro?

etnia, não posição na estrutura urbana

contextos históricos distintos porém relacionados

orgulho negro como componente do orgulho periférico

periférico intersecção que engloba pobres, brancos, pardos, negros, trabalhadores, etc.



7. Por que periférico?

Por que não Pobre?

renda, não posição na estrutura urbana

conotações negativas: coitado, dependente, incapaz,
impotente, etc

denota condição que não se quer afirmar, mas transformar
na superação do binômio violência-pobreza



7. Por que periférico?

Por que não Suburbano?

subúrbio	periferia
legalidade/regularidade	ocupação irregular
quintais e varandas	terrenos minúsculos
trens urbanos	morros e mananciais
samba, punk	hip-hop
1940s - 1980s	1990s
<i>“...na experiência dos moradores dos bairros populares a indistinção entre esses termos é maior, e o uso de cada um deles é feito por uma construção política...”</i>	



7. Por que periférico?

Por que não Suburbano?

Vide verso meu Endereço - “Comprei uma cadeira lá na Praça da Bandeira/Alí vou me defendendo/Pegando firme dá pra tirar mais mil por mês/Casei, comprei uma casinha lá no Ermelino”

Trem das Onze - “Moro em Jaçanã/Se eu perder esse trem/Que sai agora às onze horas/Só amanhã de manhã”
Adoniran Barbosa

Punk da periferia - “Transo lixo/Curto porcaria/Tenho dó/Da esperança vâ/ Da minha tia/Da vovó/Esgotados/Os poderes da ciência/Esgotada/Toda a nossa Paciência/Eis que esta cidade/É um esgoto só.../Sou um punk da periferia/Sou da Freguesia do Ó”
Gilberto Gil

Pânico na Zona Sul - “Então o dia escurece/Só quem é de lá sabe o que acontece/Ao que me parece prevalece a ignorância/E nós estamos sós/Ninguém quer ouvir a nossa voz”
Racionais MCs



7. Por que periférico?

Por que não Trabalhador?

trabalhador	periférico
capital-trabalho	centro-periferia questão geográfica desigualdade urbana
mundo da produção menos aspectos da vida menos sociabilidade	mundo da reprodução mais aspectos da vida mais sociabilidade
paradigma fordista subordinação	artista empreendedor autoemprego
classe sindicatos ideário socialista	neoliberalismo precarização desemprego



8. Reflexões do autor

“Nesse contexto, onde e como os sujeitos periféricos podem avançar politicamente?”

Como é possível construir uma hegemonia artística que recoloca o conflito no centro dos debates em um momento onde o campo artístico popular tende à conciliação?

Como sobreviver fazendo arte, sem cair nas amarras do mercado? Sem expor nas prateleiras do mercado de bens simbólicos um produto novo e bem aceito chamado periferia? Como não cair na cilada de afirmar-se como periférico falando somente da quebrada? Como afirmar-se como periférico para a partir dessa posição falar do mundo? Conseguirá a arte periférica disputar mentes e corações com o conservadorismo evangélico? Conseguirá a arte periférica frear a barbárie levada a cabo pela militarização da gestão urbana, pela polícia assassina? Conseguirá a arte periférica emancipar politicamente e humanamente o jovem da periferia?

Conseguirá a arte periférica criar uma hegemonia capaz de radicalizar a ação dos governos ditos progressistas? Lograrão os coletivos de produção artística aumentar o diálogo e a soma de forças entre si, com o objetivo de se contrapor a um Estado cada vez mais militarizado e interventor?” [TIARAJU, pp. 280]

8. Reflexões

1. Como sobreviver fazendo arte, sem cair nas amarras do mercado? Sem expor nas prateleiras do mercado de bens simbólicos um produto novo e bem aceito chamado periferia?
2. Conseguirá a arte periférica emancipar politicamente e humanamente o jovem da periferia?
3. Quais locais de fala são ocupados pelos *periféricos*? A narrativa do ser periférico sobre diversas questões na vida cotidiana e acadêmica.

8. Covid e periferias?

Exemplo Paraisópolis (G10 das Favelas)

1. Presidentes e vice presidentes de rua (voluntários)

“Cada um dos presidentes de rua tem pelo menos **quatro tarefas**: *conscientizar e monitorar* o morador para que ele permaneça em casa; *distribuir as doações* que chegam e evitar que as entregas gerem aglomerações; *chamar socorro*, se necessário for, em casos de sintomas de covid-19 ou outras doenças; e, por fim, *levar boas notícias e combater fake news*”

2. União dos Moradores contratou 3 ambulâncias (2 básicas e 1 UTI)
3. Escolas → espaço de isolamento